

no Universo. No Mundo assim único, a desigualdade de desenvolvimento, faz de umas, sociedades avançadas, e de outras, retardatárias. O primeiro Mundo expede sobre o Mundo periférico os fatos, (1) — da informatização que cria a robótica (exclusão da mão-de-obra) e possibilita a administração à distância e o controle imediato dos efeitos econômicos quaisquer que sejam; (2) — da transnacionalização do capital e da moeda que conduz à globalização e à oligopolização competitiva da economia; (3) — da intensidade tecnológica que gera novos materiais e deprime a importância das matérias-primas; (4) — da desideologização, da desregulamentação e da privatização que derrubam fronteiras e limitações à circulação das idéias, dos recursos, das pessoas e dos mercados. A unidade, contudo, não tem impedido as desigualdades. Impõem-se superá-las.

6. Os fatores internos perversos. A Universidade para a Internacionalização catarinense há de se (re) construir na consideração primeiro dos fatores adversos a superar e depois na valorização dos fatores alviçareiros. As elites brasileiras se definiram ruins, perversas. Leia-se

As previsões das elites sobre o Brasil
até o ano 2000

- 87% não vêem muitas chances de a parcela dos 40% mais pobres do País aumentar de forma significativa sua participação na renda nacional.
- 83% acham que o País enfrentará um estado de convulsão social crônico.
- 48% temem que o País enfrente uma situação de "apartheid" social.
- 82% vêem grandes chances de que o analfabetismo não seja reduzido.
- 78% acham que a inflação continuará superior a 20% ao ano.

(Fonte: Veja, 27 junho 1990, p.59)

É preciso interromper o curso destas previsões, inclusive pela substituição de quem as exprime. A injustiça social se exhibe no fato de que o País, que exhibe o oitavo maior Produto Interno Bruto, no entanto ocupa o 80º lugar em desenvolvimento humano.

O modelo federativo, até aqui praticado, resultou numa sociedade brasileira em que 67% da população estão abaixo da linha da pobreza e 30 milhões são analfabetos ou iletrados; numa dívida externa de US\$ 114 bilhões; na concentração em São Paulo de quase toda a indústria moderna e da ciência e da tecnologia;

Na Federalização brasileira, só o Estado cresceu, e a proveito de poucos.

numa Sociedade fechada aos fluxos modernizantes dos intercâmbios internacionais. Na Federalização brasileira disponível, só o Estado cresceu, e a proveito de poucos.

7. Os fatores internos alviçareiros. Na eleição presidencial de 1989 as lideranças tradicionais, nos diferentes Estados, foram submergidas pela onda popular renovadora que privilegiou Collor, Lula e Brizola — os três *não-confiáveis* pelo *establishment*. 43.401.912 eleitores = 60,05% do eleitorado — sufragaram-lhes os nomes. No segundo turno a Sociedade, dividida praticamente ao meio, adotou a proposta de Fernando Collor por 53,03% contra 46,9% dos sufrágios atribuídos a Lula. Sobre o capital de votos, Collor propõe atualizar o potencial brasileiro: 150 milhões de consumidores num território de 851,2 milhões de hectares, sobre que de tudo dá e embaixo de que de tudo tem; e mais um mar territorial de 200 milhas, povoado de vida e recoberto por uma plataforma debaixo de que se armazenam petróleo e gás. A via da potenciação do patrimônio brasileiro escolhida por Collor é a da exposição da Sociedade à competição internacional. Nenhuma é melhor nem mais definitiva. É a que obriga a fazer do conhecimento — *mind*, mente — a matriz da prosperidade. A diferencialidade de Santa Catarina está no fato de (1) — ocupando 1,1% do território e com 2,97% da população, responder por 4,2% do PIB e das exportações brasileiras; (2) — distinguir-se para cima da produtividade média nacional; (3) — ter-se criado modelo autônomo de desenvolvimento, competente, ágil, diversificado. Pode-se aqui, pela internacionalização, expandir emprego e renda, melhorar o ambiente e proteger o consumidor.

Informe sobre o Autor:

Alcides Abreu — Nascido em Bom Retiro/SC em 1926 — Doutor em Direito — Formado em Direito, Filosofia e Ciências Econômicas — Pós-Graduado pela Universidade de Paris. É professor titular na UFSC e UDESC. Ocupou várias funções na administração estadual e federal nos últimos 30 anos. Publicou mais de uma dezena de obras no campo do direito, filosofia, política, economia, planejamento. É responsável pela implantação do processo de planejamento governamental em Santa Catarina, sendo mentor das principais instituições de planejamento estratégico sobretudo no campo financeiro, energético, telecomunicações, educacional, desenvolvimento. Integra o Programa de Doutorado em Direito na UFSC como Professor de Economia Internacional.

*Endereço do Autor:
Avenida Osmar Cunha 81/1103
88010 — Florianópolis, SC*

O TRABALHO DOS MINEIROS NO SUL DE SANTA CATARINA

(ou: Encontros Teológicos na periferia do mundo. . .)

Pe. Pedro José Damazio
Paróquia de Santa Bárbara, Criciúma

Nem o papel, nem a letra, nem a palavra podem jamais definir ao leitor, a tragédia diária que acompanha a maioria dos Mineiros do carvão, aqui na região Sul de Santa Catarina.

Só convivendo diariamente com esta realidade, pode-se sentir o que é um sistema sofisticado de dominação econômica, ideológica, política, social e religiosa onde, por um salário de fome para a maioria, o Mineiro tem que escolher o caminho do acidente fatal embaixo da mina, do acidente parcial, da pneumoconiose, da aposentadoria precoce, da andança pelos hospitais,

ou, enfim, da lenta agonia atado aos tubos de oxigênio.

— Padre, reza para o meu marido sarar?

Como trair a verdade para esta mulher? Depois de tantos anos de dramas vividos e sentidos, não resta nada mais do que uma lágrima de solidariedade e o silêncio.

Talvez aqui mais do que em outros lugares, está presente a ideologia da morte, o capitalismo no seu sentido mais pleno, no seu conteúdo mais criminoso.

Esta ideologia, que se sustenta com o sangue das vítimas

de inocentes, construiu-se aqui dia-a-dia, deixando o seu rastro macabro nas lotações dos cemitérios, na história que qualquer pessoa daqui tem para contar de algum parente seu que trabalhou com o carvão, ou então no imenso capital acumulado pelos beneficiários desta ideologia, que do sul ao norte do País, ou muito mais longe, passando pelas zonas nobres de Copacabana, aplicaram a mais-valia dos trabalhadores no desperdício da luxúria e da prostituição.

Quando os operários conseguem eleger um sindicato comprometido, eles burlam a Constituição que proíbe dois sindicatos na mesma base territorial e fundam outro, discípulo de sua ideologia. Isto na época em que Franco Montoro era Ministro do Trabalho. Colocam fiscais fardados em cargos de confiança nas minas para reprimir qualquer um que imagine que não pode morrer silenciosamente no subsolo.

Não havia saída, companheiros. Mineiros rebeldes eram surrados nos escritórios e seus algozes muitas vezes eram leitores de epístolas dominicais e financiadores das festas do Padroeiro.

A história de ontem, de hoje de manhã e de hoje à noite é parecida. A forma de dominação se alterna.

Tudo já foi tentado nestes últimos anos: diálogo, negociação, viagens a Brasília, dias e noites em vigília na frente dos ministérios, viagens a Florianópolis, ao TRT, greves, confrontos, paralisações, Assembléias às centenas, Reuniões aos milhares, choro, humilhação, ameaças, desespero. E o que eles têm agora? Incerteza, salário de miséria, o perigo no subsolo, a pneumoconiose ou a aposentadoria ignominiosa.

Isto não é a realidade. Isto é um artigo, um texto. A realidade é outra, impossível de descrever.

Isto é um artigo, um texto. A realidade é outra, impossível de descrever.

Entretanto, admitimos pensar em "Encontros Teológicos" a partir deste chão e só a partir dele. Este chão que significa também uma direção, uma opção clara por um caminho, por uma proposta que abrange desde uma ampla cosmovisão, até a decisão imediata que tens que tomar aqui e agora. Uma proposta que parte do interesse da maioria empobrecida e explorada e que só é possível pensá-la e assumi-la estando com os pés neste chão e com a cabeça também.

Somos tentados a buscar uma legitimação para estas propostas, para estas idéias, para este artigo, nos Documentos do Magistério da Igreja. Isto não é difícil. É só tomar a Rerum Novarum (1891), passar pelo Vaticano II, João Paulo II e chegar aos Documentos da CNBB. (Vão encontrar mais detalhado isto no Manual da CF/91).

Entretanto devemos esclarecer que, se os Documentos defendem a dignidade, a justiça ao operário, o diálogo e inclusive o direito de greve, todas as mobilizações acontecidas aqui na região nos cinco anos que acompanham estas lutas, elas se deram por algo muito mais imediato: pelo direito de ter o café da manhã, o almoço e a janta em suas mesas pra si e para os seus familiares. Pra se ter pão e café é necessário dinheiro. Pra se ter dinheiro é preciso salário. Então todas as lutas tiveram este núcleo fundamental, este anseio diário: a vontade de viver e dar vida aos seus.

Então se pergunta: é preciso alguma outra justificativa, alguma outra legitimação para esta luta? É necessário algum documento, alguma teologia para dizer que os mineiros estão certos, que a luta dos trabalhadores é correta e legítima? É necessário algum esclarecimento de cima para que um agente ou um padre opte por este caminho? E que outro caminho existe? Encontramos até agora só dois: o da porta estreita e o da porta larga. Por

onde está entrando a Igreja? Quem aponta o caminho pra nós? A lei que vem de cima ou o grito que vem do subterrâneo do mundo, ávido de alguma boa nova? Qual foi o subterfúgio de Jesus? Qual foi o seu chão? Os conflitos que enfrentou foram contra quem? Que crimes o levaram à condenação?

A Teologia não tem sentido fora destas respostas, fora deste chão, porque não acreditamos que Deus gosta de admirar proscição de cadáveres. Teologia tem que partir daqui. Não deste chão que se pode tocar com as idéias, mas no chão que se pode

É no contato diário com o drama dos empobrecidos que vamos estudando, descobrindo o "Theós" vivo, o Deus com cara de gente

apalpar, que você pisa e que pisa você no caminho diário da história do povo de Deus. É no contato diário com o drama dos empobrecidos que vamos estudando, descobrindo o "Theós" vivo, o Deus com cara de gente, desfigurado, crucificado, fracassado, desprotegido.

A Teologia está aqui, companheiros. A Teologia que nós estudamos apenas, serve pra quê? Talvez para fazer exames.

Na Teologia da cadeira, você se esforça para construir uma idéia de Deus pelos documentos, pela Bíblia, pela palavra e pela orientação dos mestres. Aqui a gente faz teologia com o pensamento, com os olhos, com as mãos, com os braços, com os pés, com os ouvidos, com o nariz, com a dor de cabeça, às vezes com o inaceitável.

Esta Teologia tem sentido porque pode contribuir para "renovar a face da terra", para transformar a face do crucificado em face de ressuscitado, para passar da sexta-feira permanente e infundável ao domingo da ressurreição.

Os Documentos do magistério serão sinais de libertação, de Boa Nova, se descerem até este chão

Os Documentos do magistério, genéricos porque universais, têm sentido, serão sinais de libertação, de Boa Nova, se descerem até este chão, os documentos e seus autores, se forem traduzidos em posicionamentos claros em defesa da Vida pisoteada, da esperança roubada e do futuro e do presente negado à maioria do nosso povo. Do contrário, serão letra morta ou talvez opressora.

"Da periferia um povo se levanta". E cada vez que se ergue, a dominação toma forma mais sofisticada para reprimi-lo. Esperamos que os "Encontros Teológicos" aconteçam na perspectiva do fortalecimento da capacidade de imensa massa de desprotegidos em defender seu direito de viver, de ser autor, de ser sujeito de sua própria história, de poderem saborear autonomamente o fruto de suas lutas e de todo suor derramado.

Endereço do autor: Paróquia Santa Bárbara
Fone: 0484-33-1325
88800—Criciúma, SC